

JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XIII, nº 103, outubro/novembro 2020

BRASIL SEM UM ÍCONE

Manoel Hygino

Oe-mail do presidente da Associação Nacional de Escritores, o conspícuo Fabio de Sousa Coutinho, diz o necessário: “Comunico, muito triste e pesaroso, o falecimento, no final da tarde de ontem, terça-feira, 1º de setembro de 2020, aos 89 anos de idade, de Lina Tâmega Peixoto, professora pioneira de Brasília, tendo aqui chegado em 1958, e uma das fundadoras da ANE, em 1963. Lina foi poeta de recursos extraordinários, com meia dúzia de livros publicados, de superlativa qualidade literária. Sua presença nas atividades da ANE era uma constante que a todos enchia de satisfação e alegria. A partida de Lina Tâmega Peixoto significa perda irreparável

para a literatura e a cultura de sua amada Cataguases, de Minas Gerais, de Brasília e do Brasil. Ela deixa o filho Marcelo e a neta Mônica, e, em suas dezenas de amigos e admiradores, um forte sentimento de saudade, admiração e gratidão pelo privilégio de convívio tão enriquecedor, ao longo de tantas décadas”.

Em 2010, quando lançou seu “Prefácio de vida”, Lina me enviou um exemplar, com a dedicatória amável, bem típica de seu comportamento e sentimento. Na última orelha do volume, confirmo-o com o texto: “Professora, poeta e crítica de literatura, exerceu o magistério na Fundação Educacional do Distrito Federal e na Universidade de Brasília. Reside na capital

do país, mas mora em muitos lugares, onde o sonho da vida habita o imaginário poético”.

Era assim Lina, que nos deixou este mês, mas legando como disse Drummond – uma herança, que é a sua poesia – que “alcança a maturidade poética, não há ternura ou indecisão de traço, tudo é firme, quando necessário, sutil e sempre lúcido e ardendo de uma chama interior”.

Grande amiga de Cecília Meireles, Lina lhe fez uma visita, quando hospitalizada, e escreveu: “A última vez que te encontrei, tua vida ia sendo levada pelos deuses... Pediste-me que te levasse para tua casa. Eu respondi que sim. Que a subida seria fácil até teu quarto, pois cada degrau seria como um verso que, juntas, recitaremos”.

ELEGIA POR TRÊS GRANDES AMIGOS

Márcio Catunda

Recordo-me de como era o meu dia a dia no Rio de Janeiro, até agosto de 2019, antes da viagem à Europa, em que me ausentei por seis meses.

Depois da ginástica matinal, eu almoçava com Marcus Vinícius Quiroga no restaurante Belmonte, na área que ele costumava chamar de Baixo-Copa. Conversávamos longamente sobre literatura e, às vezes, política, tema que foi, com o tempo, dominando o interesse intelectual do poeta. Ele parecia ter um computador na cabeça. Conhecia as estatísticas da economia do mundo inteiro. Marcus foi a pessoa mais generosa que conheci. Sem que eu jamais tivesse feito nada por ele, arranhou-me prêmios literários, integrou-me em agremiações culturais importantes do Rio, como a UBE e o Pen Clube, e escreveu ensaios a respeito de meus livros. Perdi o melhor dos meus irmãos. Digam se não tenho motivos para lamentar-lhe a terrível ausência? Quiroga é, na minha opinião, o maior poeta brasileiro da geração dos anos de 1980 a 2020, período em que se consolida sua obra poética, fecunda e diversificada.

De tarde, eu ia visitar o Luiz Gondim no “Rei do Mate”, na Avenida Nossa Senhora de Copacabana. Por ali encontrava sempre o Samyr da Arábia e o Jesus

Chediak, os quais, com a benevolência humorística do Gondim, perfaziam um trio agradabilíssimo.

Gondim liderava todo mundo pelo dom de nos transmitir, brincando, sua sabedoria de humanista. Contava casos engraçados a respeito da vida dos grandes escritores que lia, sabia tudo sobre Freud e Jung e, de certo modo, nos psicanalisava, quase que imperceptivelmente. Tal era a peripécia daquele mago da palavra e do pensamento. Um grande sedutor de almas, gentil, afetuoso, que se tornou meu pai espiritual. Vivo órfão desde que ele partiu. Era meu primo, em razão do parentesco existente entre os Catundas e os Gondins. Nas tardes das quintas-feiras, a reunião era no Artiplex, em Botafogo. Por ali apareciam, entre outros, Edir Meirelles, Juçara R. Valverde, Márcia Barroca, Glória Fontes Puppín, Rachel Lêvkovits, Rejane Machado (de saudosa memória), Elisa Flores, Mário Moreyra, Bráulio Maciel e Elvé Monteiro.

Sorteávamos um tema e filosofávamos, enriquecendo-nos culturalmente com os ensinamentos de Gondim. Na área de mitologia grega, era o Mário Moreyra que brilhava. Dali, voltávamos de táxi a Copacabana. Eu descia na Bolívar e o Gondim na Francisco Sá.

PEIXOTO, QUE NÃO PASSA EM BRANCA NUVEM

Edmílson Caminha

Há vidas que, sem aventuras de cinema e façanhas de super-heróis, merecem ser contadas, pela grandeza humana e pela simplicidade comovente de que se revestem. Escritas, deram admiráveis obras à literatura brasileira, a exemplo de *Minha formação*, de Joaquim Nabuco, *Minha vida de menina*, de Helena Morley, *Infância*, de Graciliano Ramos, e *Meus verdes anos*, de José Lins do Rego. Some-se, a esses volumes, a *Crônica memorista* (Goiânia: Kelps, 2017), publicada por José Peixoto Júnior aos 92 anos, na plenitude da lucidez e da produção intelectual.

A POESIA POPULAR DE JOÃO FERRY

M. Paulo Nunes

Notável escritor galego Dom Gonzalo Torrente Ballestre, desaparecido, aos 88 anos, aquele que para Saramago representa, na literatura espanhola, a mão esquerda de Cervantes perdida na batalha de Lepanto, disse, pouco antes de morrer, uma verdade profunda: “*julgo-me culto, mas não pelo que aprendi na Universidade, sim pelo que escutei, durante os meus anos infantes, naquele cantinho galego. Ali se configurou a minha imagem mundi: uma cultura mágica sempre em colisão com os saberes racionalistas aprendidos depois e para a qual, porque negá-lo, sinto certa inclinação.*” (Jornal de Letras, de Lisboa, 10.02.99, p. 17)

De fato, não há ninguém, por mais culto e instruído, que não esteja profundamente vinculado às suas origens populares, uma vez que a cultura popular ou a chamada literatura oral, conforme a denominou Luís da Câmara Cascudo em um livro de fundamental importância para a nossa literatura – *Literatura Oral*, é aquele “*rio na solidão selvagem*” ou a “*cachoeira no meio do mato*” da definição do próprio Cascudo. Teremos que atentar nela os que produzem literatura e o fazem sem renegar as suas raízes. Com efeito, os grandes romancistas e poetas o são por conta desse *húmus* popular ou atávico que ressurta de suas obras. A esse fenômeno não foi estranho um Cervantes, que celebrou o espírito popular na sabedoria de Sancho Pança, ou o próprio Camões, ao personificar no velho do Restelo as premonições do homem do povo em relação à ardente aventura ultramarina dos portugueses, ou o genial Mestre Gil e o seu teatro popular. De resto, este espírito se acha modernamente assentado na obra de um Manuel Antônio de Almeida, com a saga de Leonardo, naquele livro fundador – *Memórias de um Sargento de Milícias*, que todo brasileiro deveria ler, de um Lima Barreto, de um Jorge Amado, de um Graciliano Ramos, de um Gabriel García Márquez, de um Vargas Llosa, de um Julio Cortázar, de um José Saramago, prêmio Nobel de Literatura, o primeiro da língua portuguesa.

Em João Ferry há que destacar este aspecto substancial de sua obra, seja como dramaturgo, seja como poeta ou menestrel, pois que era um cantor de seus próprios versos, declamando-os com emoção, a exemplo dos poetas provençais.

Como poeta popular, deixou-nos os livros *Chapada do Corisco* e *Meu Brasil* e, inédito, o livro de poemas em que celebra a sua terra, Valença, que pretendia homenagear em seu bicentenário, nos quais perpassa um sopro de vibração lírica impregnado do calor da terra e do sentimento dos homens. Do livro *Meu Brasil* é uma das composições poéticas evocativas mais perfeitas que

possuímos. “*Barrinha que já se foi*”. Escrita em versos de redondilha maior, uma das formas multisseculares de nossa poética tradicional, lembra ela, em alguns aspectos, a *Evocação do Recife*, de Manuel Bandeira, ao convocar à memória involuntária, à maneira de Marcel Proust, a geografia de ruas e bairros de nossa capital, conforme veremos a seguir, numa pequena amostra dessa singela composição poética.

“*Barrinha, minha Barrinha, / Viraste Palha de Arroz! / A palha não era minha / O rio levou depois... / São Raimundo! São Raimundo! / Frutas, luar, sonho e farra, / Virou poeira no mundo / Trazendo após a Piçarra. / Já não tem rua do Amparo / Nem da Estrela, nem da Glória, / Tudo mudou sua história. / Ficou tudo ao desamparo. / Até mesmo a Não-se-Pode... / Também assim é demais! / A nossa alma não sacode, / Ai, nunca mais! Nunca mais!*”

O poeta se identifica também com nossas lendas populares, como se verifica nas composições poéticas de sabor popular hauridas em nosso rico folclore, como a *Não-se-Pode* e o *Cabeça de Cuia*, ou em outras, como o *Cão da Joaquina* em que procura, em tom humorístico, exprimir o extravagante e o prosaísmo da vida, que para ele era festa, alegria e encantamento. O mesmo ocorre em *Um Casamento na Roça*, *Mundica Badeja* e *Um Novo Decreto-Lei*, nos quais procurou fixar cenas e costumes populares.

Finalmente, como dramaturgo deixou-nos a comédia *Quem Tudo Quer Tudo Perde*, constante do seu livrinho de estreia, *Em Busca da Luz*, que constitui a versão piauiense do tema da má fortuna, que se antepõe aos desejos das criaturas ambiciosas, admiravelmente reinterpretado pelo genial Gil Vicente, em sua obra-prima, o *Auto da Mofina Mendes*.

Nossos costumes políticos foram motivo constante da irreverência do poeta, conforme se verifica no soneto “*Lá vem ele*”, em que fixa a figura do caçador de votos, e na peça dramática intitulada *7ª Secção Eleitoral do Buraco Fundo*.

Assim foi entre nós o poeta João Ferry.

No elogio que lhe fiz, ao tomar posse em nossa Academia, disse ter sido ele o nosso menestrel. “*Viveu como ninguém a sua poesia, e viver foi nele uma forma de cantar. Como os menestrels da Idade Média, colocando o instrumento à altura do peito para desferir o seu canto, Ferry foi o mais puro cantor dos seus versos.*” (A *Geração Perdida*. Artenova, 1979, p. 116)

Deus o guarde assim íntegro e puro, cem anos após seu nascimento.

Soneto do Mês

ÍNTIMO

Humberto de Campos



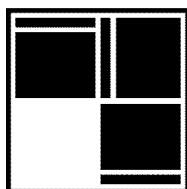
Minha mãe! minha mãe! Tu, que adivinhas esta mágoa amaríssima que eu canto, tu, que trazes as pálpebras de pranto cheias, tão cheias como eu trago as minhas;

tu, que vives em lágrimas, e tinhas a vida, outrora, tão feliz, enquanto deste teu filho, que tu queres tanto, todas as mágoas serenando vinhas;

tu, que do astro do Bem segues o brilho, pede ao Deus que, apesar das tuas dores, ainda persiste a castigar teu filho,

que eu não morra a sofrer, como hoje vivo, esta angústia de uma árvore sem flores e esta mágoa de pássaro cativo!

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br

29ª DIRETORIA
2019-2021

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1º Vice-Presidente: Roberto Nogueira Ferreira
2º Vice-Presidente: Edmilson Caminha
Secretária-Geral: Sônia Helena
1º Secretário: Jolimar Corrêa Pinto
2º Secretária: Noélia Ribeiro

1º Tesoureiro: Salomão Sousa
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza
Diretor de Biblioteca: Gilmar Duarte Rocha
Diretora de Cursos: Kátia Luzia Lima Ferreira
Diretora de Divulgação: Vera Lúcia de Oliveira
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Carlos Brandi Aleixo, José Jeronymo Rivera, José Peixoto Júnior e Napoleão Valadares.

JORNAL da ANE nº 103 – outubro/novembro 2020

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e
Fabio de Sousa Coutinho

Revisão

Napoleão Valadares

Diagramação

Bruno Eustáquio

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 3 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante - Brasília - DF - CEP: 71736-303
(61) 98625-2636 / 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

A VIDA EFÊMERA

Lina Tâmega Peixoto

Há, em *Fanais dos Verdes Luzeiros* (Editora Penalux, 2019), de Diego Mendes Sousa, uma linha do “tempo preservado” que enlaça os poemas nas lembranças de inúmeras vertentes conceituais, tais como: dor, melancolia, felicidade, desejo, abismo, desengano, infância. O poeta não se encontra entre dois espaços antitéticos, mas semelhantes: o tempo, modulado de instantes, e a memória do “tempo reencontrado”, ambos revestidos de imagens que exprimem a voz do espírito e do pensamento estético e imaginário.

No primeiro poema, “Fanal dos omissos”, que abre o livro, lê-se: “Decerto, nas lembranças, / estaremos a omitir / o que o tempo preservou / sob as nuvens de um céu / de amargo chumbo”. Do poema que fecha a obra, “Elegia da lembrança do tempo”, transcreve-se: “Passa o tempo, / Deus guarda. [...] Ou preserva o tempo / dilacerado, redivivo.” Este “tempo preservado”, com

relevo para o da infância, organiza a arquitetura dos símbolos de devaneios e de busca para reter o passado como um permanente presente, capaz de alimentar e iluminar cada poema.

Valéry observava que há palavras que circulam no universo do poeta como se orientassem as operações do espírito criador. Assim, nos chama a atenção o emprego do verbo “sangrar” e, também, da forma nominal, “sangrenta”, encontrados em muitos poemas, sugerindo um estado de alma, o da purificação pelo romper das veias ou o da vida efêmera que escapa pelo sangue. Citemos um poema, para exemplo: “Quis, enquanto poeta, ser a metamorfose dos anjos. / Consegui sangrar”. A doçura de “sangrar” o passado e trazê-lo para o presente, evidencia as sombras, os fantasmas, os abismos, a doçura dos instantes, pela ação de transfigurar, pelo pensamento que sonha, a vida íntima e profunda.

Do mesmo modo, há pregas fortes, contundentes, nas imagens que evocam presença de passado, de uma vida instigada pelo devaneio e pelas ideias que se cristaliza no emprego da palavra “fantasma”. E para exemplo, transcreve-se: “Os fantasmas da minha solidão / vão embora” ou, ainda: “Disparei os meus dedos fracassados na ambição de transpor os fantasmas. / Partirei com eles.”

Por fim, uma breve menção aos versos de García Lorca que configuram a epígrafe e remetem ao título da obra de Diego Mendes Sousa. Eis: “Diz a tarde: “Tenho sede de sombra!” / Diz a lua: “Eu, sede de luzeiros.”

A lua evoca a morte e traduz as nuances afetivas da angústia espiritual, na poesia de Lorca. Por isso, ela anseia pelos “verdes luzeiros”, pelo sol, seus brilhos, seus fochos luminosos, a origem da vida, a cor verde representando o amor ainda não realizado, a fim de que se dê a fusão desta inter-relação mística e transcendente.

JOAQUIM ESTEVES SOARES CARVALHO – UM EMPREENDEDOR NA AMAZÔNIA

Abrahim Sena Baze

Os imigrantes portugueses tiveram importante função na modelagem e na economia da Amazônia, tanto nas cidades como no interior do Estado. Como classe política dominante, com o surgimento das atividades extrativistas e como comerciantes tornaram-se agentes decisivos, suprimindo essas atividades da liderança empresarial necessária como produtores, mercadores, exportadores e comerciantes, alcançando posição de destaque, que conseguiram até o advento de novas correntes e grupos empresariais mais dinâmicos e inovadores.

Durante a fase áurea do látex, no fim do século passado e na primeira década do século XX, milhares de imigrantes lusos, atraídos pela fortuna, foram pioneiros na organização do sistema mercantilista de intercâmbio, representado pelo comércio típico de casas aviadoras. As firmas portuguesas estabelecidas em Manaus e Belém contribuíram para a transformação socioeconômica dessas cidades promovendo os entrepostos comerciais e estabeleceram com precisão as linhas logísticas de suprimento dos seringais mediante crédito pessoal com os seringalistas.

“As estatísticas e o Censo de 1920 contaram a existência, no Amazonas, de 8.376 portugueses, sendo 6.103 homens e 2.273 mulheres, e no Pará havia 15.631 lusitanos, sendo 12.382 homens e 3.249 mulheres, o que muito facilitou o processo de integração e miscigenação pelo casamento com mulheres nativas. Ao todo eles eram mais numerosos grupos de estrangeiros, com 24.007 pessoas para um total de 39.019 estrangeiros recenseados em 1920, ou seja, os portugueses

representavam 5,61 % da população amazônica que neste censo era de 695.112 habitantes, dos quais 445.356 no Pará e 249.746 no Amazonas. Se considerarmos somente a população urbana, 236.402 habitantes em Belém e 75.704 em Manaus, os 24.007 portugueses da época que na maioria residiam nas duas cidades representavam 13,0% da população urbana dessas duas metrópoles da borracha”. Pág. 82.

Outros portugueses nascidos em famílias abastadas instalaram-se na Amazônia com suas empresas. Foi o caso do imigrante português Joaquim Esteves Soares Carvalho. Nasceu em Vila Nova de Gaia, Distrito do Porto. Era filho do comerciante Abel Esteves Carvalho e dona Júlia Bastos Carvalho. Imigrou para o Brasil, precisamente para a cidade de Belém, no Estado do Pará, em 1901. Associou-se ao seu pai, que já era proprietário de uma pequena fábrica de sabão, Saboaria Amazônia, na época localizada na rua 1º de maio, 159/157, já na época considerada uma das mais modernas indústrias de sabão e óleos vegetais no país.

Com a injeção de capital do filho a empresa teve um crescimento vertiginoso, principalmente pela qualidade dos seus produtos, dentre os quais se destacava o Sabão Borboleta, tipo marmorizado. A empresa foi a primeira indústria do ramo a produzir esse tipo de produto. O grande esforço concentrado pelo industrial Joaquim Esteves Soares Carvalho, aliado às vendas, o levaram a promover a expansão da indústria e à conquista de novos mercados tais como: Amazonas, Alagoas e Acre, tendo exportado seus produtos para países como Peru e Bolívia.

Homem de espírito empreendedor, logo construiu junto à então Saboaria Amazônia, uma moderna indústria de óleos vegetais, considerada à época uma das melhores do Brasil.

O mercado do Amazonas era promissor, pois seu consumo já não era atendido satisfatoriamente pela fábrica de Belém do Pará. A partir daí, tomou a decisão de montar em Manaus uma nova indústria de sabão, fato que ocorreu em 1930. Instalou-se, assim, com toda a modernidade oferecida à época, tendo construído uma das maiores e mais modernas fábricas de sabão do Brasil. Os negócios no Amazonas prosperaram, tendo conquistado todo o nosso mercado, e assim tomou a decisão de ampliá-los, implantando a Usina São José, localizada na Vila Pinheiro, em Belém do Pará com a finalidade de beneficiar sementes oleaginosas.

Homem entusiasta de sangue lusitano, embora distante da pátria mãe, não perdeu a oportunidade de dedicar-se à causa portuguesa, tendo exercido cargos de grande relevância na Sociedade Beneficente Portuguesa de Belém do Pará, como também na Tuna Luso. Foi considerado à época uma das maiores alavancas do processo comercial e industrial de Manaus e Belém. Em Manaus localizou sua indústria no fim da Avenida Joaquim Nabuco, próximo ao Alto de Nazaré, cujo prédio encontra-se preservado até os dias atuais.

NOS TEMPOS DA COVID 19

Valfredo Melo e Souza

O homem é internado na UTI-Covid 19. Está entubado. Não há médicos. Não há medicamentos. Não é Ministro. Não é Magnata. É um homem do povo. Um Zé Ninguém. Agoniza. Como consolo teve um enfermeiro que lera para ele, na noite precedente, uma oração detectada em Leon Tolstói, lá pelas páginas 2000 de *Guerra e Paz*, talvez por encontrar uma íntima relação entre a UTI e o calabouço, na passagem entre Pierre Bezukhov (um aristocrata) e Platon Kataiév (um camponês) que largados num escuro barracão, prisioneiros, iriam ser fuzilados pelos soldados de Napoleão. Diante um do outro, mordidos pelo monstro da indiferença, Platon se vira, cata algumas batatinhas assadas numa pequena fogueira, dá duas para Pierre, come uma e dá uma para uma estopinha aos seus pés; era um cachorrinho abandonado como eles, pela guerra. Foram as melhores batatinhas da minha vida, disse Pierre. Platon reza a oração de dormir: “Nosso Senhor Jesus Cristo, São Nicolau abençoado, Flora e Lavra, Nosso Senhor Jesus Cristo, nos perdoe e nos salve!” “Deus faça a gente dormir que nem uma pedra e acordar que nem um pão fresco”. Pierre pergunta quem são Flora e Lavra (Florus e Laurus) e Platon logo responde: – São

os padroeiros dos cavalos. É... a gente tem que ter pena dos bichos. Na rua fogaréu e gritaria. Moscou em chamas. (...) Pierre escutava o ronco de Platon deitado perto dele e sentia que o mundo antes em escombros de guerra, agora se erguia na sua alma com uma beleza renovada e fundações novas e sólidas. Seria o novo normal?

A indiferença está espelhada em Otto Lara Resende no texto “**Ver Vendo**” visando eliminar pontos cegos psicológicos do dia a dia: *De tanto ver, a gente banaliza o olhar. Vê não vendo. Experimente ver pela primeira vez o que você vê, todo o dia, sem ver. Parece fácil, mas não é. O que nos cerca, o que nos é familiar, já não desperta curiosidade. O campo visual da nossa rotina é como um vazio. Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê: sei de um profissional que passou trinta e dois anos a fio no mesmo “hall” do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia, o porteiro cometeu a descortesia de falecer. Como era ele? Sua cara? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em trinta e dois anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que*

morrer. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisa, bichos. E vemos? Não, não vemos.

Eugene Yonnesco (1912-1994), numa peça, focando a vivência de um casal (Sr. e Sra. Martin) que, após quarenta anos de união estável, se separam, e vão se encontrar casualmente, numa viagem de trem, num passeio turístico, por terem as mesmas aspirações de fé, de amor e de confiança; por fim, descobrem que moravam na mesma cidade, na mesma rua, na mesma casa e dormiam no mesmo quarto.

“O Prognóstico Pantagruelino, certo, verdadeiro e infalível para o ano de 1533”, no realismo grotesco de François Rabelais (1494-1553), o medo cósmico, o social, e o corporal estão ligados indissolúvelmente numa totalidade viva, alegre e benfazeja, que Voltaire, não compreendendo, chamou de “conjunto de impertinências grosseiras e porcarias”. Diz o prognóstico: “Reinará quase universalmente uma doença horrível e pavorosa, maligna, perversa, assustadora e pandêmica que deixará todos muito espantados, sem saber o que fazer. O nome dessa doença será: – **falta de dinheiro**”, segundo Averróis, in Colliget Livro VII, citado no dito Prognóstico.

LAMENTO N° 26, OP. 71, N° 1

Luiz Carlos de Oliveira Cerqueira

Por que pranteia, mar amigo?
Por que soluça assim, desesperadamente?
Veja como a gaivota está triste por vê-lo triste?
Por que chora, mar, meu confidente?
Por que sua vaga já não mais brinca na praia, no rochedo?

O mar apenas soluçou sem nada dizer.

Lembre-se, mar, daquelas noites calmas em que ela vinha-lhe trazer suspiros?
Recorde-se, mar, daquelas frases de amor, daqueles olhos serenos, daquelas mãos alongadas?

O mar, sem responder, entristeceu-se afogando-se na sua profundeza.

Olhe, mar, para o espelho das suas próprias águas e veja seus olhos rubros de tristezas, veja suas mãos repletas de vazio, veja a praia nas noites calmas, como é feia sem ela, veja no espelho das suas águas a saudade refletida... Chore, mar, essa amargura!...

O mar nada quis ver, seus olhos se fizeram dois mares de agonia...

Olhei o mar, a praia, o penedo solitário. Órfão do amor, amparei-me na lembrança – saudade dela...

O penedo encobriu-se em mortalha de algas, a praia afogou-se sob a onda pesada e fria, e o mar acenou-me com um branco lenço de espumas.

Voltei para mim e me fechei na minha própria memória.

O mar, a praia e o penedo fizeram-se silentes e, comovidos, se abraçaram.

Lembra-se, mar, quando ela vinha lhe trazer suspiros? Feliz, você fazia espumas brancas para enfeitar a praia, Para ornar aqueles beijos tão macios... Feliz, você brincava na areia, mandava a brisa trazer carícias... E ela gostava e, como o queria, e como me amava!

O mar de tudo se lembrava; sabia ser mar na sua imensidão, sabia ser imenso na sua lealdade...

Enfureça-se mar! Mande o vagalhão fazer barulho! Mande o vento forte levar meu grito! Mande a gaivota, o albatroz – seus mensageiros – falar

com ela!

Sacuda a nau! Desperte os peixes!

Faça dela ouvidos!

Comova o rochedo solitário!

... Depois disso, se ela não voltar,

aqui voltarei em noites iguais àquelas,

aqui virei devolver a saudade

e nos seus imensos braços, mar, depositarei a minha

tristeza...

e o mar, estremecendo-se em ondas, debruçou-se sobre as areias, soluçando, soluçando...

NASCER DO SOL

Váldima Fogaça

O vírus aqui chegou,
e confinou muita gente.
Abraços já não dão mais,
nem colhem nas calçadas
as inúmeras gargalhadas,
nem se vê da janela
olhos a contemplar o sol.
As pessoas estão conectadas,
deitadas em suas camas e sofás,
mas não aplaudem mais o dia.
Nem olham no rosto,
mal dão bom-dia.
Saem correndo, se afastam,
estão longe delas mesmas,
longe de nós.
Muitos conclamam
saúdam seu próprio isolamento.
Mas estou aqui escrevendo,
temendo não respirar.
Ah! Mas logo...tão logo
tudo isso passará.
Veremos as janelas abertas,
o sol tocando nosso rosto,
com sua grande maestria,
vindo ao apontar do dia.

MEU PATRÃO, O ROBÔ

Gilmar Duarte Rocha

Acordei naquele dia fora da hora programada. O meu criado-mudo telemático Wes não entrou em sincronia com o HM, o sistema que, além de cuidar da minha agenda, gerenciava diversas funções do meu apartamento, como o controle da temperatura ambiente; o complexo aparato de iluminação movida a energia térmica, eólica e solar; o balanceamento da minha dieta, ditando a quantidade de proteína e carboidratos que deveria consumir diariamente; a seleção criteriosa das notícias que deveria absorver, enfim cuidava do meu umbigo desde o momento em que entrava em casa até o instante em que saía da quadra do complexo habitacional onde morava, no centésimo quadragésimo andar da décima quinta célula do condomínio 1.000 Alfa 11.

Perdi o horário. Fato!

Nem bem entrei no banheiro para satisfazer as minhas necessidades fisiológicas matinais, o aparelho comunicador implantado no meu pulso me enviava uma mensagem do meu chefe BR-AT-Otooo-1:

“Só falta você para o ponto de controle, colaborador nº. 777/A-44. Você ainda tem exatos 3 minutos, 25 segundos e 122 microssegundos para confirmar a presença”.

Consultei o HM para ver se ainda tinha tempo hábil para a reunião e ele me respondeu que havia, desde que suprimisse a satisfação das necessidades fisiológicas, a alimentação matinal, o exercício pós-molecular e pegasse o primeiro teletransporte que passaria no condomínio dali a 1 minuto e 10 segundos, tudo isso sem trocar o meu traje de sono.

“Ir ao trabalho sem a minha gravata holográfica? Jamais”, pensei. Consultei mais uma vez o HM para ver se eu teria tempo para trocar de uniforme, ele me respondeu, sucinta e ironicamente:

“Tem, mas você pode escolher as seguintes opções para receber os proventos da sua rescisão automática contratual:

Sacar 1.200 bitcoins quânticos;

Ganhar 3 tíquetes de passagem para a estação lunar; ou

Passar uma noite com Mary Lou, a rainha dos drag queens do deserto de Mojave”.

Desesperado e dependente do contrato de trabalho virtual na Agência de Controle e Estudos da Terceira Lei de Newton, resolvi dizer a palavra passe que me conduziria à estação 3.333 do Sistema Multinacional de Teletransporte. Chegaria ao trabalho com o uniforme de sono mesmo.

Aportei na sala de ponto de controle exatamente em 3 minutos, 25 segundos e 119 microssegundos. Na imensa mesa retangular de cor branca, de tampa acrílica, sem a presença de papel ou qualquer outro objeto, sentavam-se 125 mestres em TLN, todos ajustados em suas poltronas brancas, eretos, cabelos hermeticamente raspados, de careca lustrosa, de óculos multidimensionais e gravatas

holográficas (o instrumento de serviço que mais adorava, por sinal).

Quando busquei ocupar o meu assento — o quadragésimo-quinto da ala dos mestres em TLN que se sentavam do lado esquerdo da mesa — todos olharam para mim de soslaio, mas ninguém moveu a cabeça. Os meus colegas permaneciam concentrados nas explanações do chefe, aquela coisa ridícula em forma de cancela, com três membros metálicos, horizontais, de formato cilíndrico e oito membros vítreos, verticais, em forma de polígono pentagonal cônico, com mais de cem olhos brilhantes, coloridos e faiscantes, e que se prostrava, impávido, na cabeceira da mesa. Era ele, meu chefe, o robô que atendia pelo prefixo BR-AT-Otooo-1.

Sentei-me e comecei a acompanhar o ponto de controle do dia, com instruções que nos eram passadas pelo chefe (o robô) a propósito do desvio de 0,00045mm na fenda de número 404 da placa tectônica de Saint Andreas; os impactos que esse fenômeno poderia causar em relação a futuros fenômenos sísmicos e os estudos que poderíamos empreender para mitigar os riscos. No fim do dia, compilaríamos tudo que foi anotado, separaríamos os diagnósticos confluentes e montaríamos os algoritmos que seriam enviados aos robôs processadores.

Mesmo enquanto o robô nos passava as instruções, ele, o meu robô chefe, com seus mil cérebros, não perdeu a oportunidade de me passar uma mensagem inconveniente, através do comunicador de pulso:

“777/A-44, já consta dos seus registros do Sistema de Recursos Humanóides o desconto no seu provento tridiário de 0,33 bitcoins quânticos relativos ao seu atraso hoje de 1 minuto, 2 segundos e 448 microssegundos”.

Confesso que fiquei extremamente irritado com aquela mensagem abusiva e inconveniente e fiz o possível para participar do estudo sobre a questão (o negócio das placas tectônicas), pois embora estivesse bastante insatisfeito e desmotivado, o nosso grau de participação no estudo era medido por insights “come and go” e eu não poderia ser mais penalizado durante o dia, sob pena de ser multado em 1/3 dos proventos de cinco períodos tridiários.

Finalmente, exatamente às 13:00:00.000000, o comunicador de pulso piscou e avisou que era chegada a hora do intervalo para recomposição protética, onde éramos conduzidos para o Repositório, uma área imensa, de cor esplendorosamente branca, com uma infinidade de totens alimentares que nos ofereciam infinitas oportunidades de recomposição protética. Bastava apertar um botão e recolher uma pílula que satisfazia as nossas necessidades alimentares por horas a fio.

Naquele dia, contudo, não segui a procissão de colegas carecas que se encaminhavam em fila indiana através do corredor em direção ao refeitório. Propositamente, fiquei no fim da fila e retardei a caminhada, dei dois passos atrás e resolvi olhar de

esguelha para o interior da sala de ponto de controle, que — logicamente — encontrava-se deserta, exceto pelo nosso chefe, que supunha estar parado, impávido, no seu lugar com as suas centenas de olhinhos piscando. Ele realmente estava lá, parado no mesmo lugar, mas não estava impávido nem com centenas de olhinhos faiscantes. Ele mudara radicalmente de aparência. Agora, apresentava-se como uma espécie de tela gigantesca e nela faiscavam, ao invés dos olhos, cifras e mais cifras de bitcoins quânticos. Eram janelas e mais janelas virtuais direcionando cifras para localidades de todo o planeta e para as estações estelares, e o pior, para a conta de cidadãos que ninguém conhecia. Fiquei pasmo. Em verdade, sempre imaginávamos que as grandes corporações do nosso Sistema, como a Agência de TLN, funcionavam em regime de cooperativa e todo o lucro granjeado era reinvestido na nossa própria comunidade. Quando terminava de digerir essas conclusões, de repente, uma voz estrondou nos corredores: “777/A-44. 777/A-44. APRESENTE-SE COM URGÊNCIA NA DEPENDÊNCIA DE REPOSIÇÃO ALIMENTAR”. Tinha que me apressar e me apresentar urgentemente no ambiente chamado REPOSITÓRIO, sob pena de ter mais um desconto na minha combalida conta de proventos.

Passaram-se dias; semanas, a mesma rotina de sempre: acordar na hora programada, cumprir as necessidades matinais, pegar o teletransporte, ir para o ponto de controle da Agência TLN, discutir uma nova situação de risco, lanchar pílulas, voltar ao trabalho, pegar o teletransporte de volta para o condomínio, assistir às lições de desvio perimetral cartesiano, ligar o canal no programa favorito, “Como montar o seu próprio pet”, e dormir. A rotina seguia. No entanto, dois meses depois, algo voltou a falhar. Não foi mais WES, o criado-mudo, e sim CHO, o link de empregos intergalácticos.

Geralmente eu assinava o CHO — site de empregos — na esperança de minerar alguma função com melhores condições e melhor remuneração do que a da Agência TLN. O CHO dispunha de dezenas, centenas de vagas por dia, porém todas similares ao trabalho que eu cumpria na Agência. O mesmo tipo de função; o mesmo tipo de patrão (um robô); e a mesma e ordinária rotina de cobrança, controle extremo de horário de trabalho e exploração *ad eternum*. Nesse belo dia, em especial, o CHO, por alguma espécie de erro de programação, expôs na minha tela holográfica um inusitado anúncio:

“PRECISA-SE DE CORTADOR DE COCOS PARA TRABALHAR NA ILHA DE WIWIWI, NA POLINÉSIA ULTERIOR”, ao fundo do letreiro, uma paisagem paradisíaca, que, aliás, ainda existia na face da Terra.

Não pensei duas vezes.

INTRUSO

Marcelo Spomberg

Essa casa, perto do abacateiro, pareceu um bom lugar para explorar. Não seria fácil, mas pelo estilo teria muita coisa para pegar e comer. O risco valia a pena.

Fiquei observando. Fiz isso por semanas. Até resolver entrar, quando a janela foi aberta e o cara se afastou.

Melhor explicar antes sobre esse cara. Não sei o nome dele. Não vi mais ninguém, então deduzi que é solitário.

O dilema era tomar cuidado com o cachorro. Como todo cachorro é idiota, foi fácil enganá-lo. Esses bichos ficam em volta do dono e o seguem sem perguntar, nem exigir nada.

Esse cara tem costumes confusos. Cada dia faz algo diferente. Deve ser rotina, mesmo sendo esse monte de coisas diferentes.

Acreditei que era o momento, quando ele começou a preparar a roçadeira. Tudo indicava que iria se afastar. Fiquei observando por um bom tempo. Arranjei um lugar protegido, de onde não podiam me ver.

O cachorro era o problema, aquele desgraçado quase me encontrou. Ele olhou na minha direção, mas não me viu. Sua atenção estava em outro lugar. Eu fiquei quieto e camuflado.

Ele deixou a janela aberta do quarto lateral o mais próximo do abacateiro, e se afastou. Reparei em cada objeto que ele pegou e depois em cada peça de roupa que vestiu. Se isso não era rotina, parecia um ritual demorado.

Bom, o demorado é por conta da minha ansiedade.

Sempre me alertaram que os caras que moram sozinhos são os mais perigosos. Eu sou confiante, corro bem e, modéstia à parte, sou militar na hora de planejar e executar os ataques.

No bar que frequento de sexta-feira, gostamos de beber e contar sobre as aventuras e os golpes que executamos. Muitos que contam, aumentam nas vantagens e nos desafios superados. A melhor história não paga a conta. Já fui várias vezes contemplado com prêmio.

Até hoje não havia tido nenhum ataque mal sucedido.

Agora sim, ele estava se afastando e o idiota do cachorro, além de segui-lo, ainda foi pulando de alegria. A janela ficou aberta, facilitando entrar e aproveitar.

Entrei na casa. A primeira coisa que faço, é deixar o sentimento encher meu corpo de felicidade pelo feito realizado. Explorei visualmente os dois quartos, os dois banheiros e a sala misturada com a cozinha. Sempre achei essa modernidade de espaço conjugado uma idiotice. Coisa de arquiteto esperto, para atender com projeto de casa pseudomoderna. Uma besteira para iludir pobre, que acha que tem dinheiro para construir ou viu de alguém e quis parecer igual.

Arranjei um saco para colocar as coisas que interessavam e ajudar na hora de carregar. Deixei

separado. Tudo estava correndo bem. Tinha comida em cima do balcão, que dividia a cozinha da sala. Delícia.

Resolvi comer antes de começar a recolher as peças que tinham algum valor. Tenho que admitir, para um cara morando sozinho, a comida estava ótima. Pode parecer preconceito contra homem cozinhar, mas estava melhor que a de outras muitas casas que invadi. Comi muito. Exagerei na quantidade. Olhei em volta para avaliar o trabalho. Reparei nos objetos que estavam nas prateleiras, ao lado do computador, na mesa de centro. Tinha dinheiro espalhado, relógio, canetas, papéis, monte de contas pagas e outro monte maior sem pagar. Deu até pena nessa hora.

Logo me recuperei. Apreendi que sentimentalismo não funciona na minha profissão. Isso é coisa de Robin Hood.

Entrei no banheiro para me limpar, antes de começar. A porta de entrada da casa se abriu, o cara entrou. Ele voltou. Uma coisa completamente inesperada. Nunca tinha passado por essa adrenalina. Meu coração disparou. O maior teste para descobrir que não sou cardíaco. Tinha que correr e me esconder. O tempo era curto. Precisava agir no improviso. Sempre trabalhei com planejamento e com inteligência. Me escondi no quarto, por onde entrei. A visão da janela aberta era um convite, para correr e pular por ela, para fora da casa. Calculei tudo muito rápido. O cachorro também seria um obstáculo. Foram segundos de planejamento. Pensei na velocidade, que deveria correr. Quanto tempo levaria para passar pela janela. Fazer o menor barulho possível e correr muito, quando encontrar o chão fora da casa. Essa estória tinha tudo para ganhar o prêmio na próxima sexta-feira. Foi num momento de medo e no planejamento do plano de fuga que ele me encontrou e o meu medo superou.

Tive como correr e me esconder na cozinha atrás da geladeira. Ele pegou um porrete, que estava apoiado atrás da porta na sala.

Fiquei parado imóvel. Ele se aproximou e bateu na lateral, entre a parede e a geladeira.

Corri com o coração querendo pular pela boca. Meus olhos estavam injetados de medo e pavor.

Consegui me esconder atrás do fogão. Ele bateu com o porrete para me acertar, mas a mira, misturada com a raiva, escondeu sua precisão. Nenhum golpe me acertou.

Depois de escalar, e subir em cima do fogão, tentei desviar dos seus golpes entre os queimadores.

Essa estória, que estou contando, nesses segundos, é o tempo que tive para fugir. É verdade, a nossa vida passa em pensamentos rápidos na hora do perigo.

Ele levantou o porrete novamente e desferiu outro golpe.

Ainda sinto algum ar entrar no meu corpo, mas não vejo nada.

Ele me pegou pelo rabo e me colocou em uma saco plástico.

A luz se apagou.

Fim.

SONETO

Antonio Carlos

Esteves Torres

Só leio poesia que eu faça/
Às vezes escrevo e nem as leio/
Produtos e mistérios da raça/
Os segredos mantidos que odeio//

**A cruzar oceanos em desgraça/
Às vezes sem sequer chegar ao meio/
comida aos tubarões a carcaça/
mesmo antes da terra **a que veio**//**

E chegada ao destino a caça/
os sulcos fundos cavados no veio/
já sangram o corpo que me abraça//

O látego a rasgar-lhe o seio /
Fundo escuro da escura jaça/
A corda tosca com que se a laça//

PROJEÇÕES DO APOCALÍPSE

Jolimar Corrêa Pinto

Tropas e arsenais dispostos contra inimigos visíveis...

Beligerantes que se equivalem, se respeitam...

Apenas conflitos em médio oriente para impor o deus de cada um.

Eis que um inimigo oculto impõe suas condições e as instituições humanas se desequilibram restringem-se, se encolhem, reagem em ambiente inóspito...

O inimigo oculto vai sendo desvendado e mais ataca, fere, se agiganta, mata, mas vai deixando rastros.

Definha a economia, a ordem, os elos políticos, a vida.

Nas ciências, no clero, na política, mais conflitos do que soluções.

Angustiadados diante de erros reiterados os povos se revoltam, culpam os governos...

Enclausurados, nem podem sepultar seus mortos e, impotentes diante do inimigo comum, unem-se os afins em seus refúgios e se ocupam no projeto de um novo mundo solidário

a ser habitado pelos sobreviventes.

O ESPÍRITO VIVO E LÍQUIDO EM NOÉLIA RIBEIRO

Diego Mendes Sousa

Espevitada (Editora Penalux, 2017) é a quarta aparição em livro da pernambucana recifense Noélia Ribeiro, que iniciou o seu itinerário poético com a obra *Expectativa*, edição da autora, de 1982.

Neste ínterim, da dicção de estreia à última realização, Noélia Ribeiro se fez conhecida nacionalmente com os livros *Atarantada* (Verbis, 2009) e *Escalafobética* (Vidrágua, 2015).

Considero *Espevitada* a sua obra-prima, é quando a poeta encontra o espírito vivo do seu opus singular e onde percebo o seu nítido projeto de provocação e revide pelas palavras, em pequenas cintilações expostas desde os títulos dos livros.

Em um canto ligeiro e planificado pela intuição, Noélia Ribeiro dá impulso a um lirismo de deslumbramento, recheado de expressões estranhas ao purismo linguístico, porém íntimas da vivência e das imagens:

poeta cozinhando verso

é chef paciente:

só serve poema *al dente*

São matérias muito caras à memória e à infância, o ritmo metafórico da poesia de Noélia Ribeiro, dentre os seus lampeiros, elementos de audácia e de feitiço, onde ela deságua o verbo em lúcidos poemas, a decifrar o relógio rápido do tempo: *mas não apaga da memória aquele céu azul, / que regia o encantamento / das primeiras vezes da infância.*

Creio que a poesia deva ser mesmo o íntimo temporão, a espiritualidade mais ligeira e fluida ao absurdo da existência. Noélia Ribeiro imprime uma consciência sobre a realidade, com súbitas dores: *Vida dura / prematura / golpe baixo / e eu assim / líquida / tão uterina ainda me acho.*

Sua poesia estilhaça o mais leve instante, em busca de um passageiro desconhecido e de um horizonte líquido. Poesia que toca, que move os sentidos e que se propaga em combustão: *Somente a ti pertencem / as temperaturas altas. / Tens na boca o sol. / Tens nos dedos o verão.*

Amante da delicadeza e da beleza, Noélia Ribeiro codifica um passado enigmático. *Espevitada* é uma celebração ao sonho e ao amor. De maneira sutil, o eu-poético delinea magistralmente a sua ascense: *viajar é perscrutar a casa / que levamos dentro.*

Nascente da morada da alma é ainda o poema “*Os sapotis*”, para mim, a mais célebre, vasta e sublime peça de Noélia Ribeiro. Nele, encontro a emoção, a plenitude, a chama ilusória da natureza etérea, o desejo de viver fora de si, o espetáculo das frutas e o seu aroma, a irrealidade dos lugares, os ideais indecifráveis, as pedras na mais remota saudade, a vagueza do que já foi, um arrebatamento que afoga o coração na claridade nostálgica, sem chão, com verdade e com os próprios passos de pássaros nas nuvens.

Espevitada, de Noélia Ribeiro, conquista às cegas. É um algo-a-mais que advém de uma inocência, de uma alegria visível.

ELAS

Ana Maria Lopes

Elas deverão vir nuas.

Eles, ébrios de silêncio.

Não importa o tempo

de espera

nem o agora

tão pouco a demora

entre o ser e o gesto

o ontem ou o início.

É preciso asas de desespero

– que nem esse escapará do medo –

para projetar-se de montes.

Elas, condenadas a viverem nuas,

eles, proscritos do silêncio

e ébrios de razão.

POEMAS DE NOÉLIA RIBEIRO

CRIME PASSIONAL

Antes de apertar o gatilho
e chorar sobre meu corpo ainda quente,
tome um café com leite na padaria ao lado
e leia na plaqueta atrás do servente:
SORRIA. VOCÊ ESTÁ SENDO FILMADO.

REFUGIADOS

No barco,
olhares longínquos silenciam
escombros: histórias para contar.
Uma mulher cantarola
para adormecer o filho e o mar.

A VALE E O RIO

Renato Sampaio

O sol do meio-dia,
a Companhia Vale do Rio Doce,
um detonador,
uma explosão
e uma montanha

(pedaços dela)

rolando

montanha abaixo.

Em seguida,

uma locomotiva,
carregada de minério,

partindo

de Itabira

em direção

a Laboriaux,
Oliveira Castro,
Capoeirana
e Drumond.

Em Drumond,

estação à beira rio,

pátio de manobras,

transbordos,

baldeações,

as águas,

a jusante,

anunciam

aos viajantes

o rio

Piracicaba.

Rio

cujas águas,

mais abaixo,

deságuam

com doçura

em outro rio:

o Rio Doce,

Rio Minas,

Rio Mar.

Rio,

doce rio,

assassinado

por uma empresa

(mineradora)

integrada

a uma outra

mais robusta,

mais mineira:

a Vale

do Rio Doce.

Vale,

a mesma Vale

que depois de eliminá-lo

(o rio)

do próprio nome,

(se não da própria alma)

envenenou-o,

via Samarco,

com fúria e lama.

(Após cometerem

igual chacina

em Mariana.)

Tudo isso num tempo
em que ninguém falava
de Brumadinho.

DIÁLOGO ENTRE AS NUVENS

José Augusto de Castro e Costa

A aeronave já iniciava o taxiamento em preparação para proceder à decolagem quando sentou-se ao lado do velho Alberto um homem de meia idade e, depois de cumprimentá-lo, vaticinou, com certa naturalidade, que “Deus é a força do mundo, que dá luz e brilho às estrelas e tem o poder mais profundo de dar forma às coisas mais belas”. E prosseguiu, falando que há também, no mundo, quem tenha bastante força e grande poder, porém, de dar forma às coisas mais assustadoras, mais dolorosas, mais absurdas, mais horripilantes. Quem? Provavelmente aquele conhecido pela alcunha Força Negativa!

Enquanto o homem falava, velho Alberto imaginava o fato de encontrar-se dentro de um avião, em voo diurno ou noturno, cercado de CBs, em terrível e tenebrosa tempestade, experimentando o tresloucado efeito de descontroladas e alucinadas turbulências indomáveis constituírem-se numa situação que, indubitavelmente, leva qualquer ser animado às mais desesperadas atitudes, próprias de sua insignificante pequenez, em busca encolerizada de livrar-se do que, em verdade, não é bom. Em tal circunstância, o apelo por socorro é desesperadamente gritante. Muitos vão ao nível do falecimento, passando antes pela sudorese.

A humanidade tem assistido a muitas situações desesperadoras, por completo. Para muitos protagonistas dessas situações não foi concedida condição para contar a história sofrida. Suas almas não resistiram e retiraram-se.

Já estando a aeronave posicionada em situação de voo cruzeiro, aquele companheiro de viagem passa a transmitir ao velho Alberto curiosa apologia cristã, com referência à natureza humana, tomando por base a numerologia, esclarecendo-lhe o profundo simbolismo que o número três exerce na história da humanidade.

É interessante saber-se que o ser humano, diferentemente dos demais animais, é composto de três substâncias, a saber: corpo, alma e espírito. Quem dá vida ao corpo é a alma, sendo esta a promotora dos nossos estímulos, dos nossos anseios, dos nossos ânimos e desânimos e até dos nossos sentidos.

Ao retirar-se, o corpo morre.

A natureza espiritual do ser humano é formada pela alma e pelo espírito, os quais, enquanto estiverem no corpo humano, são entrosados e inseparáveis, proporcionando-lhe a vida. Portanto o ser humano é corpo, é alma e é espírito. Neste aspecto, o diferencial do ser humano é o espírito, o qual não é encontrado nos irracionais.

Velho Alberto sentia-se como que abastecendo-se, como que absorvia daquele companheiro de viagem, o qual lhe dizia que, sendo o ser humano “espírito”, tem capacidade de conhecer Deus e ter comunhão com Ele, enquanto sendo “alma” tem conhecimento de si próprio e, em sendo “corpo”, é capaz de conhecer o mundo, através dos sentidos.

Dizia-lhe o desconhecido que o espírito pode conhecer o que a alma não conhece. Entretanto esta, através da razão, pode conhecer coisas, ao passo

que o espírito pode discerni-las por intermédio da intuição.

Dando prosseguimento ao argumento da tripartição, dizia aquele passageiro que cada parte do ser humano ainda divide-se em outras três, a saber-se:

1º - ao espírito pertencem: a consciência, a comunhão e a intuição.

2º - A alma é constituída de: mente, emoção e vontade.

3º - O corpo é formado pelo que vemos: cabeça, tronco e membros.

Simplesmente “todo ouvidos”, velho Alberto, quase em modorra, porém entregue às surpreendentes sugestões, nem se dava conta de questionar qualquer ponto do colóquio, muito menos saber dados daquele palestrante.

Apesar do envolvimento, percebe que a viagem está chegando ao seu destino, dado o início dos procedimentos característicos de diminuição de velocidade e baixa de altitude que a aeronave passa a apresentar.

Velho Alberto ainda capta os últimos esclarecimentos, acerca da influência do número três na natureza humana e seus respectivos significados.

Quando reconhecidas paisagens começam a ser visualizadas, velho Alberto, instintivamente, é levado a identificar possíveis pontos de seu torrão, mesmo diante do visível desmatamento. Observa um vasto campo aqui, uma pequena porção de floresta ali, raras lagoas tipo açudes adiante, até distinguir, quase no horizonte, a sinuosidade do estreito rio de água barrenta.

Quando vê surgir a silhueta da cidade, velho Alberto volta-se para comentar com seu companheiro de viagem, o qual estava a erguer-se, juntando ao peito um espesso volume de um livro. Pode ainda perceber a boa aparência física do desconhecido, num traje de simples “blaser” em tom azul-celeste, esboçando um modesto e singelo sorriso, para em seguida, sumir por completo, apesar de incessantes buscas empreendidas dali por diante.

Voltou a vista para a paisagem que se desdortinava através da janelinha da aeronave e não reconheceu praticamente nada do que avistava. Apenas identificava-se com as recordações vindas da infância, ao banhar-se nas águas barrentas daquele rio, frequentadas desde a praia da Base até ao Igarapé da Judia, pontos visitados no bojo de uma catraia alugada ao seu Eládio, ou ao Hugo, ou Caboré.

Ao preparar-se para o pouso, velho Alberto lembra-se, subitamente, do teor das palavras ouvidas por quase três horas de voo.

Lembrou-se, então, da natureza tripartite do ser humano e supôs que, em alguma das três partes, poderia encontrar-se a fé e definiu-a como sendo o “fundamento das coisas que se espera e a prova das coisas que não se vê”.

E questionou, entre si: por que só os seres, isto é, as pessoas, os animais, a natureza, enfim, têm o privilégio de existir, e logo a Deus esse direito é, por alguns, negado?!

ALMA FUNDA(*)

Renato J. Trindade

almas são como águas...

em águas rasas
não há vida
sequer lendas realidade

não irrompem suaves
as embarcações
desbravadoras de mundos
imaginários ou de verdade

nestas águas apenas mornidão...

incompatíveis com a temperatura excelsa
a fervilhar em mistérios da vida
que emanam das águas profundas

como almas

forjadas em sonhos e venturas,
boa ou má sorte,
que traz à tona os mistérios

não das águas

da alma funda
Resoluta reminescente
Urgindo universal
Transcendente
Holista humano.

(*) 1º lugar no Concurso Ruth Guimarães, da Academia de Letras de Lorena, SP

BODAS DE BRILHANTE

J. Peixoto Jr.

Setenta e cinco anos de uma vida a dois
Que o Tempo encarregou-se ao longo de prover.
São vinte e dois rebentos que vieram depois,
em berços, eles são o nosso maisquerer.

O presente depõe, o passado depôs
Em favor do singelo e feliz conviver,
Festejamos a data com orgulho, pois,
Afirmamos, contentes, soubemos viver.

Esperança, saudade, futuro, passado,
Referências moldadas neste nosso fado,
Fado nem sempre com textura de veludo;

Confessamos ufanos, este é o nosso dia!
Lembrado e o lembraremos na mesma alegria,
Cada um do casal para o outro é mais-que-tudo.

NOIVA

Raquel Naveira

Foi lindo ter-me vestido de noiva um dia! Eu era jovem e pensei: “Agora vou me tornar diferente, serei algo que não conheço, mas posso ser”. Ardi, tive medo, tremi, representei o papel de sedutora. E você foi fiador dos meus sonhos, não fugiu de mim, meu bem precioso.

Essa emoção reviveu dentro de mim ao assistir ao vídeo da noiva de Beirute. Ela estava radiante, perto do porto, envolta em rendas e espumas, fazendo um ensaio fotográfico. Um buquê de rosas amarelas foi colocado estrategicamente sobre o véu que despencava feito uma cascata. De repente, a explosão. Tudo voou na corrente de ar, naquele fim de outono. Ela teve a sensação de que iria morrer..

O poeta Fernando Pessoa (1888-1935), também num porto, olhando o mar de Portugal, exclamou: “_ Quantas noivas ficaram por casar para que fosses nosso, ó Mar!” Mais melancólico do que isso, só mesmo aquelas que foram enterradas vestidas de noiva, virgens, com lírios entre os dedos ou que rolaram pelo abismo em seus cavalos, a caminho da igreja.

Vestir-se de branco no dia do casamento foi ideia da rainha Vitória (1819-1901), uma das monarcas mais icônicas da Inglaterra, que designou uma era. Apaixonada e feliz, casou-se com Albert de Saxe-Coburgo e Gotha, com um traje branco com bordados, um longo véu, coroa de flores de mirto e laranjeira, dando início a essa tradição de moda. Tiveram nove filhos. Ele faleceu subitamente, levado por uma febre de tifo. Ela passou mais da metade de sua vida viúva, toda de negro, luto fechado, isolada em seu castelo, em inconsolável tristeza.

Há outras noivas marcantes na história e na literatura, como, por exemplo, Marília. O livro *Marília de Dirceu* foi publicado em 1792, mesmo ano em que Dirceu, pseudônimo do poeta mineiro Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810), partiu para o exílio em Moçambique. Deixou a noiva Marília, que de fato se chamava Maria Doroteia Joaquina de Seixas Brandão (1767-1853), desolada. Dedicou a ela versos amorosos, de uma ternura comovida, espontânea, versos à sua “Marília bela”, sua “Estrela”, aquela que não veria mais o trabalho dos cativos de Minas Gerais, tirando granetes de ouro dos rios e das serras; que não veria mais as plantações de cana e tabaco, nem faria companhia ao seu amado enquanto ele, jurista brilhante, estivesse lendo os volumes dos processos e dos pleitos. O casamento estava marcado exatamente para o dia em que ele foi preso por ser um membro da Inconfidência Mineira.

No degredo africano, o poeta casou-se com a filha de um rico negociante. Já Marília esperou por ele até seu último suspiro, aos 85 anos, em profundo desgosto. Os restos mortais do poeta voltaram ao Brasil e ambos estão sepultados juntos, na antiga Casa dos Contos, em Ouro Preto.

Relato semelhante é o caso de Manoela de Paula Ferreira (1820-1903), a eterna noiva de Garibaldi. Manoela era loira, graciosa como um anjo de olhos azuis. Alimentou um amor impossível pelo guerrilheiro. Ele se encantou por ela, mas logo desistiu para não enfrentar a oposição da família e por estar envolvido com a Revolução Farroupilha. Na cidade de Laguna, ele conheceu Anita. Ela engravidou e dá à luz um filho, Menotti. A corajosa Anita partiu para a Itália com Garibaldi. Morreu aos 28 anos, lutando pela unificação italiana. Manoela manteve-se fiel e solteira até a velhice, sublimando aquele amor não concretizado e trágico.

Désirée Clary (1777-1860), filha de um comerciante de sedas de Marselha, foi noiva de Napoleão. Um noivado quebrado quando ele se envolveu com a exuberante Josefina. Depois da desilusão, ela se casa com o Marechal Bernadotte e vem a ser futuramente rainha da Suécia. Mas, além dos homens, Désirée amava uma cidade: Paris. Não conseguia viver longe de suas pontes, de seus lampiões, das folhas secas na borda do rio Sena. Visitava o marido durante suas campanhas militares pela Europa. Enquanto isso, frequentava a corte de Napoleão com grande influência política e familiar, pois sua irmã Júlia era casada com José, irmão do imperador. Acompanhou o auge e o declínio do antigo noivo até a morte dele.

E, por falar em José, não podemos esquecer de Maria, a noiva judia, prometida, talhada, anunciada para mãe do Messias. Era noiva de José e apareceu misteriosamente gestando um fruto no ventre. José, aconselhado por um anjo, recebeu-a em sua casa como esposa, salvando-a do apedrejamento. Noiva sempre desejada.

As fotos de casamento nos fascinam. Debruçamo-nos sobre elas. Qual terá sido o destino desses noivos? Como se deram as bodas? As núpcias? Como selaram essa aliança? Com palavras? Com laços? Com sangue? Com liames de prata? Como tiveram coragem de entrar juntos num barco frágil, diante das atrozidades tempestades? Como puderam confiar numa aventura?

Meus olhos sempre marejam de lágrimas quando vejo uma noiva. Passaram-se tantos anos, mas sempre me delicia em lembrar que um dia fui tua noiva.

ONDE GUARDO MEUS AMIGOS

Paulo José Cunha

Num para sempre do tempo,
é ali
onde guardo os amigos.

De vez em quando
abro a porta
e os visito, e os relembro,
e com eles,
plenos de saudades,
revivemos um tempo quando o tempo não existia.

Moram meus amigos
no para sempre de um tempo infinito de ternura.

Nem preciso vê-los ou revê-los.
Basta-me sabê-los, lembrá-los, vez ou outra,
e em nosso íntimo silêncio,
acariciar nossas lembranças
para, assim, mantê-los por perto,
no para sempre do tempo em que os recolho,
tal como essas antigas cartas amareladas,
quebradiças,
silenciosas,
mas que, basta abri-las,
para elas sorrirem, fortes
ou chorarem, frágeis,
revivendo o tempo
guardado em suas dobras.

E não altera nada
o fato de meus amigos às vezes morrerem.
Pois eles são mais, bem mais, muito mais
que simples... imortais:

são eternos.

POEMAS DE NICOLAS BEHR

CLARICE LISPECTOR

peguei
na tua mão
e ela estava fria

não era sonho
não era azul

cegos e nus
atravessamos o espanto

RENATO RUSSO

essa pressa
em virar
mito

vontade
de cometa

fúria
de iluminar

PANGRAMA

(sem repetição de consoante)

Napoleão Valadares

Walcy vê a mão e o pé
e diz a JK e Sarah
que tabu é nexo e fuga.

Continuação da página 1

PEIXOTO, QUE NÃO PASSA EM BRANCA NUVEM

Edmílson Caminha

“Que me importa que ninguém leia o que escrevo? Escrevo-me”, diz a epígrafe tomada de empréstimo a Fernando Pessoa, como se apenas fizesse o autor uma prestação de contas a si mesmo, sem a esperança de que venha a despertar interesse público. Em outra, observa Rubem Braga: “Quem viveu a vida sem se poupar, com a alma e o corpo, e recebeu todas as cargas em seus nervos, pode conhecer essa vaga sabedoria animal de envelhecer sem remorsos”. É bem o caso de Peixoto, que traz no coração a inocência da meninice, as descobertas da adolescência, os sonhos da juventude, os projetos da maturidade, senhor da paixão sem a qual simplesmente não vale a pena viver.

Natural de Serrita, no interior pernambucano, José tem dos pais o exemplo bíblico do temor a Deus, da honra pessoal, do valor da palavra que se deu, da dignidade independente de poder e de fortuna. Lembrança transformada em boa prosa:

O Menino dorme em rede na sala ampla, rede armada junto à janela ao lado do curral. Assombração tem preferência pelo escuro da noite. O Menino escuta pisar cadenciado no corredor, a tomar chegada, enchendo o espaço do ruído das pisadas. Eriçam-se-lhe os pelos do corpo, arrupiam-se-lhe os cabelos da cabeça, o fôlego encurta, e o cessar da caminhada sobre o batente, na entrada da sala, gera expectativa. Descerá? Escuta direitinho o ruído na boca reunindo e expelindo a saliva, e o estalido da cuspidinha no batente, tá!... Fechando o círculo da assombração.

Muito jovem, dá-se conta de que não há destino, como o futuro de glória ou de malogro que previamente se reservaria a homens e mulheres. Convence-se de que nada se faz senão com luta, resistência, determinação, de acordo com o verso do andaluz Antonio Machado: “Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar-se”. Na escola, destaca-se pela inteligência e pela fome do saber, sem que os livros lhe representem o sangue de sertanejo, o gosto de montar e de perseguir rês. Bom escritor, a faina de vaqueiro (sim, ele o foi!) será a matéria-prima de contos que enfeixa em *Sobre o mundo* (2001), como o do campeador na sela do cavalo Castaninho, sob o ataque do boi que não se rende. História que nos lembra, pelo estilo e pela força das imagens, o Afonso Arinos de *Pelo sertão*:

O danado do roncolho costumava brigar. Quando se viu acochado, virou-se com a fúria de fera acuada e investiu contra nós. Para defender a sua liberdade se valia das armas. Naquele espaço cheio de nós três não houve como desviar. Escutei rangirem fibras de músculos e senti o cavalo aluir. O colhudo tremia a cabeça na perversa intenção de o seu chifre penetrar cada vez mais Castaninho, alcançado o peito, escorregando para debaixo do braço. Não tive outra escolha: segurei o chifre livre com a mão esquerda, escorreguei da sela para o chão e enfiei a unha do dedo

grande e a do dedo vizinho, mão direita, no mole da venta daquele monstro assassino, num beliscão.

A essa vivência sertaneja sobrevém a mudança para os longes de São Paulo, quebrador de milho em fazenda de patrão que o explora quase como a um escravo. Até que o derruba a tuberculose, a provar que o bacilo, quando não mata, fortalece, pelo menos escritores: Manuel Bandeira, Afonso Arinos de Melo Franco e Josué Montello foram vítimas do micróbio e passaram dos 80...

Volta ao Nordeste e, em 1945, casa-se Peixoto com Raimunda, sua amada Mundinha, mulher e musa com quem festejará, em 2015, 70 anos de uma bela e harmoniosa união, Bodas de Vinho que a muito poucos é dado comemorar. Casamento de que nasceram seis filhos, nove netos e três bisnetos, prole que só tende a crescer, sob a lição da grandeza humana, da doçura espiritual e do comportamento reto com que o casal patriarca lhe norteia o caminho.

Depois a experiência com a produção agrícola, o comércio, o transporte de passageiros e de mercadoria (permutara a loja de tecidos por um caminhão Chevrolet...), a gerência de cooperativa agropecuária na Serrita natal, onde trabalhará na Câmara de Vereadores, aprenderá latim com o padre e instalará um serviço de alto-falante. Sabe Deus a que horas, prepara-se para o concurso público de que sairá vitorioso, como escrivão de coletoria do Ministério da Fazenda nomeado para Sertânia, Petrolina, Amaraji, Garanhuns e Caruaru, no seu Pernambuco. Entre uma e outra mudança, forma-se contador e bacharel em Direito, referências do currículo a que se somará a titulação de auditor fiscal da Receita Federal, no Recife, em São Paulo e, finalmente, em Brasília, onde encerrará uma consagrada carreira de 40 anos no serviço público, marcada sempre pela força moral, a inteireza ética, a devoção ao trabalho. “Eu sou trezentos, sou trezentos e cinquenta”, pode Peixoto dizer, como o poeta Mário de Andrade.

Não admira, pois, faça jus ao benquerer dos amigos, à admiração dos colegas, ao respeito dos leitores. Em carta que lhe escreveu, a filha Maria do Socorro lembra afetuosamente as horas da família no trem rumo ao sertão, “o senhor ficava toda a viagem de pé e sempre assoviando, parecia calmo, descansado”. Assim continua a viver José Peixoto Júnior: de pé, a assoviar calmamente, descansadamente, lutador do bom combate a que se refere São Paulo, na segunda epístola a Timóteo. Houvesse tido a honra de conhecê-lo, Francisco Otaviano certamente reescreveria os versos que o tornaram famoso, para dizer, com o reconhecimento que se deve ao autor da *Crônica memorista*:

*Peixoto não passou pela vida em branca nuvem,
E em plácido repouso nunca adormeceu;
Sentiu o frio da desgraça,
Não passou pela vida: sofreu.
Não é espectro de homem, é homem;
Não passou pela vida: viveu!*

PRECONCEITO DE COR

Oswaldo Bertolino

Tenho visto políticos, artistas, jornalistas e representantes da raça negra reclamando ou criticando o preconceito de cor existente no Brasil.

Entretanto, nunca vi alguém dizer que o mundo é bonito por causa das cores.

Tudo no mundo é colorido. Os peixes, os animais, as aves e até os insetos são coloridos. Enfim, a fauna, a flora, o céu, o mar e a Terra são coloridos.

Por que, então, o ser humano não poderia ser colorido? Por que o preconceito?

Pensando assim, creio que há alguns erros que devem ser corrigidos, por exemplo: Precisamos ser educados para pensarmos e enxergarmos o mundo, como ele é, colorido.

Precisamos aumentar a representatividade da raça negra, no Congresso Nacional, visto que hoje só existem 17% de negros eleitos em nosso congresso, enquanto que a raça negra constitui 50% de nossa população.

Precisamos resgatar a dívida que temos para com a escravatura, pois, quando a Princesa Isabel sancionou a Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, ela apenas libertou os escravos e não previu os meios para sua automanutenção.

Com isso, eles foram para as periferias das cidades e se favelizaram, ficando à margem da evolução social. Não tinham emprego nem meios de produção para sua subsistência, considerando que, quando escravos, mesmo em condições precárias, tinham abrigo e a ração básica para o seu sustento.

Isso é uma dívida que tem que ser resgatada!

Já pensou, se na época da libertação, cada família negra tivesse recebido, como indenização, um pedaço de terra para produzir sua automanutenção? Se assim fosse, não teríamos favelas, e talvez nem o preconceito de hoje. Todas as famílias teriam a oportunidade de crescer, como todos que tiveram acesso aos meios de produção, cresceram.

Temos que abrir os olhos para enxergar esse caleidoscópio colorido que forma a nação brasileira que, na realidade, são mais que as quatro cores que conhecemos: branca, negra, amarela e vermelha. São centenas de cores. Basta abrir os olhos, enxergar colorido, e ver que ninguém tem a pele exatamente da mesma cor que a do outro.

Eduque-se, deixe de pensar em preto e branco, veja o mundo colorido, como ele é!

BRASÍLIA

Mardson Soares

Oh, brancura alada
Que do Brasil és filha
Formosura de Atena espelhada
Bela moça em ilha parida.

Do Brasil a derradeira
Mulher da alvura cantada
Em harpa, corda e cítara.

UM ANJO CAÍDO EM AMSTERDÃ

Vera Lúcia de Oliveira

Impossível uma boa história se passar em Amsterdã sem as pontes, os canais, as mulheres por detrás das vitrines. *Love for sale*. E sem os quadros de Rembrandt, Van Eyck, Vermeer ou Van Gogh. Pois é nessa cidade que vamos acompanhar o francês Jean-Baptiste Clamence narrando a sua vida inacreditável a um interlocutor, compatriota que acabara de conhecer num bar, enquanto passeia pelas ruas, confessando as suas mazelas.

Trata-se do romance *A queda* (1956), de Albert Camus, clássico da literatura universal, cujo título nos faz pensar em Lúcifer, o anjo caído de que fala a Bíblia. A leitura nos permite essas viagens e abstrações, sem desconsiderar, no entanto, que é obra de um autor que sofreu a incompreensão de seus pares, sentiu-se fortemente injustiçado e denuncia a natureza humana, tão imperfeita.

Assim como Lúcifer foi jogado num abismo pantanoso, o francês Clamence foi viver na pantanosa Amsterdã, onde fazia do bar chamado “Mexico-City”, à beira do cais, seu local de trabalho como advogado. É onde vamos encontrá-lo, nesse lugar longe e em tudo diferente da sua esplendorosa Paris. Sedutor como o Lúcifer bíblico, Clamence tem muito para contar de suas conquistas e derrotas. Ainda como Lúcifer, foi dotado de espírito superior, e, em dado momento, teria expressado a sua desobediência ao sistema dizendo “não servirei”. Aí está a questão moral de *A queda*. Camus cria sua personagem, que cresce em espiral, ascende em sua profissão sobre o sistema judiciário francês de forma brilhante, elevando a sua vaidade ao narcisismo extremo. Para depois destroná-la, deixá-la cair. Clamence tornou-se arrogante, dissimulado, aproveitador, orgulhoso de suas capacidades – quase um super-homem. Ultrapassou a linha vermelha da decência, defendeu o indefensável, travou batalhas nos tribunais, ganhou fama, dinheiro e respeito no meio jurídico. Comprou o amor das mulheres, que ele desprezava com sua concupiscência, teve uma vida invejável em que a roleta do destino só parava no seu número, como um jogador afortunado. Debochou de tudo e de todos com o escárnio digno de um Brás Cubas de Machado de Assis. Riu dos homens e da vida. E, como Lúcifer, mentiu a todos com sua palavra sedutora.

Mas, como Isaías, poderíamos perguntar-lhe: “Como você caiu dos céus, ó estrela da manhã, filho da alvorada! Como foi atirado à terra, você que derrubava as nações?” Como esse “portador de luz”, Clamence, foi parar no cais do porto, lugar de estroinas, de gente pobre e de eternos passageiros e viajantes, a começar pelo dono do bar a quem ele chama de “gorila”? Foi por isso mesmo: para reencontrar a sua alma perdida entre os despossuídos de riquezas materiais, os escroques, os trapaceiros, e também os puros e inocentes. Para São Jerônimo, o nome *Lúcifer* – em hebraico *helel* – deriva de “lamentar”, pois ele lamenta a sua queda e a perda do seu brilho; e “Clamence” vem do francês *clamer*, cujo significado é clamar, reivindicar algo. Além de lembrar o nome próprio Clémence, também do francês, significando clemência, misericórdia, piedade. E esse João Batista às avessas batizou-se em água amarga, como disse. Na água dos homens.

Essa ideia da queda está presente desde as primeiras páginas do romance, quando Clamence apresenta Amsterdã ao recém-chegado:

“Mas eu me deixo levar, como no fórum! Desculpe. O hábito, meu caro senhor, a vocação, e também o desejo que tenho de lhe fazer compreender bem esta cidade, o âmago das coisas! Porque nós estamos no Âmago das coisas! Já reparou que os canais concêntricos de Amsterdam se parecem com os círculos do inferno? O inferno burguês, naturalmente, povoado de maus sonhos. Quando se chega do exterior, à medida que se passa por estes círculos, a vida e, portanto, os seus crimes tornam-se mais espessos, mais obscuros. Aqui estamos no último círculo. O círculo dos... Ah!”

Assim, temos os círculos do inferno, inferno que foi criado pela queda de Lúcifer. E os nove círculos do Inferno de Dante são também metáfora da trajetória de vida do narrador. Da alma batizada em água impura dos homens, no Limbo, passando pelos que sucumbiram à gula, atolados em tempestades constantes, sozinhos, como Clamence, que neste se enlameou com mentiras, e um dia, num restaurante fino em Paris, quando se fartava de lagostas, pediu que retirassem o mendigo que o importunava, lamentando não poder chicoteá-lo pela afronta, como um senhor russo. Chegou mesmo a começar uma *Ode à Polícia* e uma *Apoteose à Guillotina*. Passou pelo quarto círculo, o dos pródigos; pelo quinto, o da ira; pelo sexto, em que estão os hereges, no qual brincou até de Papa quando da guerra em Trípoli, num campo de refugiados, por diversão. No sétimo, exerceu a sua violência contra o próximo, revelando o seu desejo de bater, de ser o mais forte; e foi também bruto com as mulheres. No oitavo, participou de simonia, entre ladrões e falsários, corruptos e lisonjeadores. Esteve aí no seu elemento; aí conviveu com um ladrão de quadros, fio importante da história. Seduziu mulheres, com quem gastou tempo e dinheiro, numa vida devassa, de lascívia: “(...) minha sensualidade, para falar só dela, era tão real que, mesmo por uma ventura de dez minutos, eu renegaria pai e mãe, mesmo se tivesse de lamentá-lo amargamente.” Lisonjeou, dissimulou, fez-se solidário, virtuoso, patriota. E, finalmente, edificante:

“Aqueles mesmos que eu ajudava com mais frequência eram os mais desprezados. Com cortesia, com uma solidariedade cheia de emoção, cuspiam todos os dias na cara de todos os cegos.”

E, no nono e último, o da traição, no abismo gelado de Lúcifer, traiu as mulheres, os amigos: “(...) acho que não há entre os seres que amei um único que, afinal, eu não tenha traído também.”

Nesse pequeno, impactante, e muito bem construído romance, temos nas primeiras páginas a marca vazia de um quadro retirado da parede, índice importante para a estrutura da narrativa, vazio que Lacan chamaria de “lugar da falta”. O que esteve e não está mais no lugar devido. O que esse quadro faltante diz é muito esclarecedor, pois se revelará como a grande falta de Clamence. O que teve, o que perdeu. O lugar sem o objeto, um dos lugares do negativo, segundo o psicanalista francês. Pois é também atrelada a essa falta que, ainda segundo Lacan, está a ideia de desejo. Esse parece ser o ponto central da personagem e do livro: o vazio – que está entre a falta e o nada – tema complexo, não para o filósofo Camus.

Mas quem é verdadeiramente Clamence?

Clamence é um homem quarentão, um poço de vaidade, egoísta, loquaz como o Hamlet, aparentemente sem a culpa do Príncipe da Dinamarca. É também Don

Juan, libertino, mito do conquistador de mulheres, insaciável, buscando o amor de todas, numa lista interminável, sempre incompleta e insatisfeita. O desejo sempre irrealizado, pois se trata de um amor narcísico: “eu-eu-eu”. Narciso amava-se acima de tudo a ponto de desejar ser imortal, como o seu modelo. Mas ele tem também o outro lado, o de homem engajado, crítico das atrocidades do nazismo, da hipocrisia dos traficantes de escravos, da servidão humana. Desprezava os juizes e tribunais, onde brilhava e até tinha fama de generoso. Visava ao ponto mais alto cujo objetivo era “elevar-se acima da ambição vulgar e içar-se ao ponto culminante, onde a virtude só busca alimentar-se de si própria”. Gostava dos telhados e das vertigens – era homem das alturas – dada a superioridade que se atribuía. Amava o Etna e estava convencido de que os sermões (o Sermão da Montanha?), as pregações e os milagres ocorriam nas alturas e que sua profissão favorecia essa vocação, pois estava sempre acima do réu, e, em seu narcisismo, sentia-se acima até mesmo do juiz, sentindo-se um ‘deus ex-machina’ da tragédia grega, que descia do céu para elucidar graves questões. Pois é desse Éden que ele irá cair.

Sem religião, “francês cartesiano”, adepto do álcool e de todo tipo de divertimentos e excessos, não tardou, porém, que, como aquele vazio do quadro retirado da parede do bar, sentisse um grande vazio na alma. E lembra-se de quando, um dia, na Pont des Arts, em Paris, ouviu uma gargalhada atrás de si, gargalhada misteriosa, vinda de lugar nenhum, que fez o seu coração disparar. Um sinal? Uma premonição? Onde foi parar esse riso? Como foi sua vida depois desse riso de escárnio? A partir daí, outros risos o acompanharam e o fizeram refletir sobre sua vida, que reconheceu dupla: “Vivi minha vida inteira sob um duplo signo (...)” Lembra-se de que logo após ouvir esse riso, viu uma jovem no parapeito da ponte e, pouco depois, ouviu o barulho da queda de um corpo no Sena. Nada fez. Mas o riso e o barulho dessa queda irão acompanhá-lo...

E, no passeio pelas pontes, ruas e canais de Amsterdã, passando pelas vitrines de mulheres como um quadro vivo, não-vazio, mas também da falta, outro tipo de falta, pergunta ao compatriota a quem acompanha:

“Conhece Dante? É mesmo? Sabe, então, que Dante admite anjos neutros na disputa entre Deus e Satã. E coloca-os no Limbo, uma espécie de vestibulo de inferno. Estamos no vestibulo, caro amigo.”

Não, ele não estava no Limbo; estava no Inferno. Mas não se deu conta de que passara a Porta do Inferno e não perdera a esperança. E diz ao companheiro que é preciso ter paciência de esperar pelo Juízo Final.

Assim, finalmente, um dia decidiu abandonar a companhia dos homens. O peso dos erros trouxe-lhe o desalento. Cansou-se dos excessos. Com a reputação arranhada, foi caindo no abismo de sua profissão. Era hora de reconhecer a culpa e viver no desconforto, como um “juiz-penitente”. Passou a refletir sobre o sentido da vida, sobre o desamparo do homem e de Cristo, sobre a injustiça e sobre a sua condição de “profeta vazio para tempos medíocres”. E observa, com melancolia, que “(...) o mais alto dos tormentos é ser julgado sem lei”. Sob o peso dos dias vazios, do passado, da consciência e lucidez, – enfermo – oculta-se na cidade como uma personagem de um quadro de Van Eyck no céu holandês da fria e indiferente Amsterdã. E encerra-se no nono círculo do Inferno de Dante, “O círculo dos... Ah!”

NA PANDEMIA, COM SHERAZADE

Danilo Gomes

Nesta quarentena da pandemia que assola o mundo, eu, idoso, 77, avô de dois netos e duas netas, pouco saio de casa e fico lendo e escrevendo. Anteontem telefonei (sim, ainda uso telefone!) para meu velho amigo José Salles Neto, presidente da Confraria dos Bibliófilos do Brasil. Meu vizinho no Lago Norte, ele mora em Brasília há décadas e nasceu em Araxá, mas passou a maior parte da infância em Frutal, MG. Disse-me que continua enfiado entre os livros, como sempre esteve. É isso. Vamos ler, à espera da vacina salvadora.

Recomendo-lhes a leitura de *As Mil e Uma Noites* (muitos estão lendo *Guerra e Paz*). Mais especificamente *O Livro das Mil e Uma Noites*, monumento das literaturas persa e árabe, imbricadas, com tradução do árabe, apresentação e notas de Mamede Mustafa Jarouche. Uma das numerosas narrativas intitula-se “O rei Yunan e o médico Duban”. Carregado de simbolismo, esse conto tornou-se uma espécie de “representante” da obra e Umberto Eco o escolheu para homenagear Jorge Luis Borges no romance (que virou filme) *O Nome da Rosa*.

São três sólidos volumes. A editora Globo (SP, 2012) publicou uma pequena antologia de apenas 143 páginas, em cuja apresentação o professor universitário Jarouche destaca:

“São todas narrativas que, a seu modo, discorrem sobre o homem, suas ambições e seu destino; falam, portanto, a uma vasta gama de seres humanos e sensibilidades, em muitos tempos e lugares, apresentando, enfim, aquela característica tão peculiar às *Mil e Uma Noites*, mas a toda grande obra literária: a capacidade de interessar e deleitar, indistintamente, qualquer leitor que ame uma boa história.”

Nessa importante obra temos suspense, drama, aventura, amor, humor, lições de ética e sabedoria, naufrágios, figuras mitológicas, histórias de malfeitores, mercados, poetas, profetas, místicos, um pouco de gastronomia, um tanto de belas-artes e, pairando sobretudo, o maravilhoso, o fantástico, o mágico. O prazer da leitura. O solitário prazer da leitura.

Nessas páginas encontramos Sindbad, o Marujo, o califa abássida Harum Al-Rashid e centenas de figurantes.

É muito interessante também essa obra (em dois volumes) editada pela Ediouro, na tradução já clássica do

orientalista francês Antoine Galland (1646- 1715), com tradução de Alberto Diniz e apresentação de Malba Tahan, que era o nosso saudoso professor carioca Mello e Souza.

Algumas versões ocidentais foram escoimadas de trechos considerados obscenos. Segundo o historiador e orientalista alemão Gustavo Weill, os persas foram colher na Índia o enredo de muitas dessas histórias.

Sugiro ao leitor degustar essas deliciosas narrativas (que a princesa Sherazade fez ao sultão Shahriar nas longas noites insones de quarentena no palácio de Bagdá), ouvindo a extasiante sinfonia de Rimsky-Korsakov, “Scheherazade”.

As Mil e Uma Noites, em três grandes volumes ilustrados, é a obra que eu levaria para uma ilha deserta, nestes duros tempos de pandemia. Que vai passar, com a graça do Altíssimo. Tudo passa. Só não passam os imortais Homero, Heródoto, Plutarco, Teócrito, Hesíodo, César, Cícero, Horácio, Virgílio, Sin-léqi-unninni e sua antiquíssima “Epopéia de Gilgámesh”, traduzida do acádio pelo professor Jacyntho Lins Brandão, da UFMG e da Academia Mineira de Letras.

ELEGIA POR TRÊS GRANDES AMIGOS

Márcio Catunda

Continuação da página 1

Cheguei ao Rio no dia 28 de fevereiro de 2020, procedente do Exterior, e procurei o Gondim no Rei do Mate. Samyr me falou que aquele amigo tão querido se achava enfermo, num hospital. Preocupei-me, rastreei, e descobri que o caso era grave. No dia seguinte, soube que Luiz Gondim deixara este mundo. A seu falecimento ocorrido no início de março de 2020, dois meses antes do de Marcus Vinícius, viera juntar-se o de Jesus Chediak, que partira em período intermediário a ambos os trágicos acontecimentos.

Às noites, era-me imprescindível visitar Cairo Trindade. Eu comparecia à sua “casa de artistas”, tal como consta na tabuleta colada à porta de entrada, na Ladeira dos Tabajaras. No início da Ladeira. Comíamos macarronadas, encomendadas num dos restaurantes de massas que há na Siqueira Campos. E a conversa entrava pela madrugada, na varanda aberta à perspectiva urbana de vários edifícios daquela área. A companhia de Denziz, Daniel e Camila alegrava o ambiente e o poeta se inspirava, exemplificando seu talento de fazer belos poemas com poucas palavras. O diálogo mais fluido, mais alegre e mais divertido do mundo provinha da companhia de Cairo Trindade. Ele sabia tudo sobre a vida cultural do Rio de Janeiro. Já em dezembro de 2019, quando eu viajava pelo Velho Continente, soube que Cairo havia dito adeus a todos os que o amamos e partira para o Além.

Saí, um dia de maio deste 2020, e encontrei o Rei do Mate fechado. Iniciava-se uma luta pela sobrevivência de toda a humanidade naquele período tenebroso. A notícia de que Marcus Vinícius

Quiroga já não era encontrável na rua Almirante Gonçalves me fez chorar copiosamente. Por três dias e três noites, chorei, desconsolado. A derradeira vez que o vi foi na missa do sétimo dia de Luiz Gondim, onde as lágrimas de um sentimento triste molharam-me a face, como ocorrera na ocasião do sepultamento do Dr. Gondim, tão adorável amigo.

Quando passo em frente à casa de Marcus Vinícius, que está muito próxima do supracitado Rei do Mate, onde já não vejo aqueles dois irmãos queridos, fico desorientado, sem saber que rumo devo tomar, pois a razão de minha caminhada por ali era sempre para me encontrar com eles. Já não há Luiz Gondim no Rei do Mate. O estabelecimento passou dois meses fechado. Também o café da rua Souza Lima fechou. Ali, também às vezes o Gondim comparecia, cercado de seus amigos e amigas. Pelo fim de junho os comércios voltaram a abrir. A mesa do Gondim ficou vazia, ou foi ocupada por algum forasteiro. A rua Almirante Gonçalves não tem o menor sentido para mim, se lá já não posso ver o Marcus Vinícius Quiroga. E a Ladeira dos Tabajaras? Não voltei mais lá, desde que a morte carregou Cairo Trindade, o poeta dionisíaco, o boêmio hedonista das noites de Copacabana; o inventor do anarquismo lírico, que pressupõe a afirmação do encontro e a compreensão do outro.

Resta-me cantar uma elegia tríplice, um canto fúnebre em três movimentos, para que as lágrimas de saudade deslizem fartamente em meu semblante, até que Deus reinvente outras vidas, em que esses amigos imprescindíveis reapareçam no cenário da fraternidade dos poetas.

CANÁRIO DA TERRA

Getulio Targino Lima

Pequenino,
Como um sonho infantil,
Fantástico e irresponsável,
Ele desfila, em sua beleza,
O seu canto
(Da alma o manto)
A um metro de mim,
Como a dizer:
Eu sei
Por que eu vim.
E você
Sabe o porquê
De sua vida?
Sua dor,
A paz do amor
E a ardência da ferida?
E, ante meu silêncio envergonhado,
Canta:
Eu vim louvar o céu,
A natureza,
A beleza do mundo,
Sem o véu
Dos caprichos humanos.
Não tenho muitos dias
Mas são mais e melhores
Do que seus anos
De dores e agonias.
DEIXA UM POUCO A MATÉRIA.
A VIDA É SÉRIA!
Enquanto é tempo,
Vai,
Sorri
E louva o Pai!
.....
...E assim
Sua mensagem encerra
Meu canário da terra.